

FILIPPE FALCÃO

A ESTRADA AMARELA

ARQUIVO DE DEGUSTAÇÃO

CONTENDO SUMÁRIO,
APRESENTAÇÃO E O PRIMEIRO CONTO



Todos os direitos da obra reservados a Filipe Falcão

Autor: Filipe Falcão

Ilustrações de capa e internas: Vânia Notaro

Mapa de Pernambuco: Gustavo Sampaio

Foto do autor na orelha: Gustavo Bettini

Diagramação: Marcelo Amado

Preparação de texto e revisão de coerência: Heidi Gisele Borges

Revisão ortográfica: Heidi Gisele Borges

Editor responsável: Marcelo Amado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Falcão, Filipe

A estrada amarela / Filipe Falcão. -- 1. ed. -- São José dos Pinhais, PR :
Estronho, 2021.

128 p.

ISBN 978-65-87071-28-2

1. Ficção brasileira 2. Contos de terror brasileiros I. Título

CDD B869.3

21-1868

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira



Todos os direitos desta edição reservados à Editora Estronho
São José dos Pinhais- Paraná - Brasil - www.estronho.com.br



SUMÁRIO

Reflexões durante tempos difíceis	7
Brenda e a estrada amarela	11
Rodrigo e a casa velha	29
Cecy e a cidade dos cachorros abandonados	39
Danilo e a dor da perda	49
Amália e o sexo	59
Fátima e o hospital	69
Seu Osvaldo e a noite silenciosa	79
Helena e a procissão	87
Giovane e o velho hotel	97
Vitor e o cheiro de alfazema	107
André e o lago seco	117
A volta para casa	125

REFLEXÕES DURANTE TEMPOS DIFÍCEIS

Olhar para esta coletânea de contos é, de certa forma, pensar no ano mais triste da história do Brasil. Um ano que parece não ter fim, e hoje, 28 de março de 2021, data em que escrevo este texto, acumula 310.694 pessoas que morreram vítimas da Covid-19 desde o início da pandemia, segundo balanço do consórcio de veículos de imprensa. Apenas no dia de hoje, o país registrou 3.368 óbitos. Infelizmente, o número total de vítimas deve ser bem maior quando o livro estiver diagramado e pronto para ser lido.

Os primeiros casos de Covid-19 no Brasil foram noticiados em fevereiro de 2020. Em março começaram as medidas restritivas de isolamento. Jornalista e professor universitário, fui um dos muitos que precisou trabalhar em casa no chamado *home office*. O primeiro dia de isolamento no Recife aconteceu em 16 de março de 2020.

Em meio ao aumento de casos, ainda travávamos uma batalha psicológica diante de um festival de horrores promovido por grupos negacionistas que defendiam que o vírus não passava de uma gripezinha, que medidas de isolamento não eram necessárias e que ninguém era obrigado a usar máscaras, além da constante promoção de aglomeração. Semanas e meses. Um ano de isolamento em 16 de março de 2021 e a situação apenas piorava.

Busquei refúgio com livros, filmes e música. Por pior e mais triste que a realidade fosse, recorrer a um filme, um livro ou apenas escutar uma música sempre me ajudou a passar por momentos difíceis.

Sempre fui um grande fã da literatura fantástica e do cinema de terror e assim mergulhei ainda mais neste universo revisitando obras queridas e descobrindo novos títulos.

Desta maneira, meio que de repente, comecei a rabiscar algumas ideias. Eu não tinha um conceito ou um formato específico, mas comecei a escutar estes pensamentos dando liberdade a eles e colocando histórias no papel. Alguns dos contos deste livro surgiram de lembranças, de sonhos e pesadelos, anseios e, claro, ideias que apareciam nos momentos mais diversos do dia e da noite. Logo comecei a conhecer e conviver com Brenda, Rodrigo, Amália, Fátima, André, entre outros e outras.

Todos os personagens deste livro moram ou estão em trânsito pelo sertão de Pernambuco. Apesar de ser recifense, sempre tive um respeito e um carinho muito especial pelo sertão e seus moradores. Uma região castigada pela seca, é verdade, mas dona de um visual único e que preencheria facilmente as páginas de um livro de poesia. Lembrei das estradas do sertão pelas quais eu próprio já transitei como pontes para histórias aguardando personagens.

De forma tão descompromissada o livro foi escrito em 2020. Às vezes parece que foi ontem e em outros momentos penso que já faz tantos anos. A ideia era esperar que a situação da pandemia melhorasse para fazer um lançamento repleto de pessoas. Já lancei livros acadêmicos e sempre é muito gostoso reunir amigos, familiares e pessoas desconhecidas para estes eventos. Melhor ainda é, depois do lançamento oficial, viajar pelo país para expandir este diálogo com pessoas de outras regiões. Obviamente, este lançamento presencial não vai ser possível uma vez que estamos agora, no começo de 2021, no pior momento da pandemia.

Pensei, inclusive, em nem lançar o livro e esperar para que a situação melhorasse. No entanto, eu me lembrei de como a literatura tem me ajudado a passar por este momento tão triste para todos e todas no Brasil. Sem festa, sem evento e sem público, lanço este livro e espero que ele possa ajudar quem está passando por momentos difíceis, seja pelo próprio enfrentamento da pandemia ou até para aqueles que perderam amigos e familiares para este terrível vírus.

Infelizmente, mesmo que em breve possamos superar esta crise de saúde, as consequências vão ficar marcadas para sempre em cada um de nós. E, como o livro é um documento, quero

deixar esta introdução como um registro dos tristes tempos em que estamos vivendo.

Ao final desta reflexão, o desejo de superação precisa existir. A esperança se mostra como uma planta verde que insiste em crescer mesmo nos solos mais secos. Deixo aqui meus sentimentos de solidariedade para que possamos juntos passar por estes dias tão tristes.

Boa leitura.

Cuide-se e proteja-se.

Filipe Falcão
28 de março de 2021



Vania Notape

BRENDA E A ESTRADA AMARELA

Baseado no roteiro de curta-metragem escrito por Filipe Falcão, Gustavo Bettini e Miva Filho.

O forte amarelo do sol e a incidência lateral da luz capaz de formar grandes e bem desenhadas sombras no chão indicava que era final de tarde. Sertão pernambucano. Algum vilarejo depois de Floresta, distante 433 km do Recife. Aquela parecia uma região perdida e quem sabe até sem nome. Ou se possuía nome, talvez ninguém se lembrasse. Possivelmente alguma placa antiga e coberta de poeira indicasse a localização exata. Naquele fim de tarde, a terra seca, amarelada, ainda trazia algum pé de mato que insistia em ter poucas folhas verdes.

Ali era raro até se avistar casas. Uma aqui e outra a quase uma légua de distância. A estrada era quase toda de barro com alguns poucos trechos de asfalto já gasto, quebrado e coberto de terra.

Tratava-se de uma estrada secundária. Talvez dez veículos por dia passassem por lá. A maioria velhas caminhonetes que pegavam pessoas de um vilarejo para levar para outro ponto. Ali era apenas um ponto de passagem. Para que ficar?

Brenda se fazia a mesma pergunta. Por qual motivo alguém escolheria morar naquela região esquecida por Deus? Com certeza ela havia pegado algum desvio errado. O carro se movia de forma lenta. Era impossível desenvolver velocidade com o risco eminente de furar um pneu, empenar o eixo do veículo ou cair em um buraco. As possibilidades de problemas eram imensas.

Brenda era uma linda jovem negra de 28 anos. Dirigia sozinha. Seu carro era novo. Talvez tivesse no máximo um ou dois anos. Dentro do veículo, alguns livros no banco traseiro e uma pequena mochila típica de viajante. Um olhar atento e seria possível identificar as publicações como sendo da área de Direito. No banco do carona, uma bolsa na qual Brenda guardava seus documentos e do veículo, telefone, carregador, um pacote de lenços e uma caixa para os óculos escuros que usava.

A placa do carro mostrava que ela saía do Recife. No vidro traseiro, adesivos: “Ninguém solta a mão de ninguém”, e “A revolução será feminista”. Isso falava muito do caráter e da personalidade de Brenda. Em alguns momentos, o sol parecia desafiar a jovem e ficava bem de frente para ela. Os óculos escuros não eram um artigo de luxo, mas sim um item de necessidade para dirigir durante aquele horário.

O carro não passava dos 30 km por hora. Mesmo assim, o veículo deixava um rastro de poeira. Brenda estava entretida com a música que tocava. Escutava uma playlist da cantora Cássia Eller.

Naquele momento, a jovem tirava o olhar da estrada para observar uma casa de aspecto pobre. A pintura estava bastante envelhecida, mas era possível que um dia tivesse sido azul. Na parte lateral, ao menos na que Brenda conseguiu ver, as duas janelas permaneciam fechadas. Uma grande árvore seca do lado direito chamava atenção. Se estivesse viva, faria uma bela sombra. Em um pequeno alpendre na frente, Brenda avistou uma senhora sentada em uma cadeira de balanço, mas logo devolveu o olhar para a estrada e seguiu.

Se não estivesse com tanta pressa em sair dali antes que anoitasse, Brenda até arriscaria parar o carro para fazer algumas fotos. Tinha feito isso em outros trechos da viagem. Ela era apaixonada por fotografia. Mas não iria parar, uma vez que precisava chegar ao seu destino. A estrada, que já era ruim durante o dia, com certeza seria muito pior à noite.

O sol começava a dar os primeiros sinais de que não iria durar. Brenda pegou o celular e viu que o relógio marcava 17h. Ela logo fez cara de preocupação. Já deveria ter chegado ao destino. Olhou pelo retrovisor e decidiu parar no que um dia talvez tenha sido o acostamento da pista. Sabia que ali não era possível pegar sinal de

celular, pois já havia tentado algumas dezenas de quilômetros atrás e não conseguiu. De qualquer modo, olhou para o telefone apenas por desencargo de consciência. Tirou de dentro do porta-luvas um mapa. Brenda sorriu um pouco por usar um mapa de papel para dirigir em pleno século XXI. De acordo com o mapa, ela saiu da estrada principal cerca de 20 km depois de Floresta. Aquele trecho no papel não parecia tão longo. Imediatamente ela pensou que talvez as condições da estrada seriam as responsáveis por deixá-la tanto tempo naquele lugar.

Ela decidiu seguir em frente, não fazia sentido voltar. Tirou a garrafa condicionada ao seu lado e bebeu um pouco. A água quase no final não estava mais gelada. Antes de seguir, Brenda olhou ao redor, completamente sozinha. Ela desligou o carro e desceu apenas com o celular. A luz natural, embora ainda estivesse linda, ficava visivelmente mais fraca. Embora não quisesse se demorar, não resistiu ao que viu. Diante dela, um pôr do sol, digno do sertão pernambucano. Solitário, mas bonito. Brenda decidiu ser testemunha daquele momento e começou a fazer algumas fotos com o celular explorando a solidão da estrada.

Preocupada com o horário, foi bastante rápida. Nas imagens destacou a vastidão. De repente, sentiu um vento frio. A noite se aproximava. Brenda olhou uma última vez para o horizonte e entrou no carro. Ela tirou os óculos escuros e seguiu. O barulho do carro começava a disputar espaço com os primeiros e ainda discretos grilos e cigarras.

O veículo seguiu em baixa velocidade e com os faróis acesos. Mais concentrada na estrada, Brenda não tirava os olhos da frente. Sempre foi uma motorista muito atenta. Em meio à escuridão cada vez mais forte, observou que existia uma pequena igreja na margem direita da estrada. Parecia abandonada.

Observando o templo, Brenda foi tomada por um forte susto quando escutou um barulho ao mesmo tempo em que o carro perdeu a estabilidade. Como não estava em velocidade alta, logo conseguiu parar. A música de Cássia Eller continuava tocando.

Assustada, ela desceu do carro e encontrou o pneu cravado por uma pequena haste de ferro. Brenda suspirou como se não

acreditasse no que via. Ela voltou para o carro, pegou o celular, ligou a lanterna para ver o tamanho do estrago. O pneu não serviria para mais nada. Sem querer acreditar e sem saber o que fazer, Brenda olhou para os dois lados se sentindo a pessoa mais idiota do mundo. E sem sinal de celular.

Já que estava quase diante da igreja, resolveu bater na porta e pedir ajuda. Quem sabe Deus estivesse ao seu lado e colocado ali um simpático padre capaz de ajudá-la? O problema nem era trocar o pneu. Ela sabia que o reserva estava murcho. Fora descuidada neste aspecto na hora de organizar a viagem. A esperança era de que o padre tivesse um carro para dar uma carona e tirá-la dali. Ou ao menos um telefone fixo que ela pudesse usar.

Enquanto pensava nas possibilidades de receber ajuda de um padre, Brenda olhou para o horizonte e observou como a escuridão tinha tomado conta de todo o lugar. A jovem suspirou antes de entrar no carro. Ali ela se deu conta que o som ainda estava ligado e então desligou o aparelho.

Brenda encostou o carro para ficar um pouco mais afastada da pista. Era bastante improvável que outro carro surgisse em alta velocidade e batesse no dela, mas como a sorte não estava ao seu lado, era melhor evitar qualquer outro tipo de problema.

Ela desceu, deixou a luz do pisca alerta ligada e apagou os faróis. A jovem seguiu para a pequena igreja. No curto caminho, notou que existiam algumas lápides ao lado do templo. Não parecia um cemitério, mas Brenda conseguiu contar ao menos dez túmulos. Ao chegar diante da pesada porta, empurrou e percebeu que estava trancada. Começou a bater. Nada. Perguntou em voz alta ao menos duas vezes se tinha alguém ali. Impaciente, olhou pelo buraco da fechadura e viu apenas escuridão. Não conseguia nem ver algo que pudesse reconhecer como bancos ou um altar. Assim como o que estava sob as lápides, a igreja parecia morta.

Naquele momento Brenda começou a se sentir incomodada enquanto pensava de forma prática no que iria fazer. A ausência de elementos humanos a perturbava. De repente algo no céu chamou a sua atenção. Tratava-se de um ponto de luz em movimento. Parecia que uma estrela tinha ganhado vida e andava pelo céu. Aquilo

devia ser um avião distante indo para algum destino muito mais interessante do que o dela, pensou.

Brenda decidiu dar a volta na igreja na esperança de achar alguma porta ou janela aberta. Com a luz da lanterna do celular, ela encontrou uma porta lateral, que deveria levar para a sacristia. Inútil. Também estava trancada e sem nada que indicasse que alguém iria abri-la. Brenda viu uma janela quebrada. Ao iluminar, teve a certeza de que a igreja estava fechada e já fazia algum tempo. Viu lá dentro uma sacristia bastante humilde. Havia uma mesa grande e um velho crucifixo pendurado na parede. Brenda achou bastante sinistro o olhar de Cristo crucificado direto para ela.

Desolada, voltou para o carro. No caminho, olhou para o horizonte. O relógio já marcava 18h10. Mas, pela escuridão, poderia ser alta madrugada. O lugar, antes até um pouco silencioso, já trazia uma orquestra musical de grilos e cigarras. Ao retomar a caminhada, a luz da lanterna iluminou as lápides. Brenda parou por um momento para observar. Todas tão velhas e mal cuidadas. Em algumas mal conseguia ler os nomes escritos. Todos esquecidos, ela pensou. Restos de flores de plásticos já queimadas pelo sol, mas que um dia serviram de adorno. Uma das lápides marcava que a data de falecimento havia sido em 1982.

Ela acelerou o passo e gritou um sonoro “Merda!” O que poderia fazer? Se trancar no carro e esperar o dia amanhecer parecia a única opção. No entanto, ela não estava confortável com a possibilidade de dormir, ou ao menos tentar, em um veículo parado no meio de uma estrada deserta ao lado de uma igreja abandonada e com um antigo cemitério. Se ao menos Brenda soubesse a distância exata para a próxima vila ou cidade, poderia arriscar caminhar até lá ou até uma estrada mais movimentada para aumentar as suas possibilidades de ajuda.

Brenda se lembrou que viu uma casa pouco antes do acidente. Era humilde, com um alpendre com uma senhora sentada em uma cadeira de balanço e uma árvore seca na frente. Ela imaginou que dificilmente encontraria um telefone ali, mas ao menos poderia achar alguém para pedir ajuda e informação. Talvez a senhora conhecesse algum vizinho ou parente que tivesse um carro, um

telefone, um pneu sobrando. Sem saber a distância exata, ela teria que caminhar um bocado para chegar lá.

A jovem olhou a carteira e agradeceu por sempre sair de casa com dinheiro. Contou duzentos reais, provavelmente cartões de crédito de nada serviriam ali. Sem opção, teria que caminhar. Fazia um pouco de frio, então ela abriu a pequena mala que estava no banco de trás e vestiu um casaco. Pegou também a bolsa e a garrafa quase vazia de água. Após trancar o carro e guardar as chaves no bolso da calça, começou a caminhar. Alguns metros depois, olhou para trás e mal viu o próprio veículo quase todo envolto na escuridão.

Brenda sempre foi uma mulher muito corajosa e independente. Não dependia de homem para nada. Mas pensava em como se sentiria mais confortável naquela situação se não estivesse sozinha. Tentou fazer da experiência algo interessante. Quantas pessoas da cidade grande tinham a oportunidade de caminhar à noite pelo sertão? O céu, apesar de escuro com a lua nascente, estava repleto de estrelas. Um visual totalmente diferente do visto nas noites recifenses. Se estivesse com uma câmera fotográfica profissional, faria algumas fotos. Com o celular não conseguiria o registro diante da escuridão.

No caminho, tomou o resto de água e guardou a garrafa na bolsa. Atenta, olhava não apenas para frente, mas também ia iluminando com a lanterna do celular os lados e assim se deu a caminhada. Aliás, a bateria do telefone já estava em 24%. Isto não era um bom sinal. Ela levava na bolsa o carregador, mas resolveu andar parte do percurso com a lanterna desligada.

Ao menos estava de tênis. Brenda até gostava de sandálias femininas, mas como ótima motorista, sempre dirigia de sapato, preferencialmente tênis.

De acordo com o relógio, a jovem caminhou cerca de 20 minutos. Brenda parou de forma brusca ao chutar algo sem querer. Ao ligar a lanterna, se deparou com uma cabeça de bode. Ela deu um pulo para trás, acompanhado por um grito discreto de susto e de nojo. Não se tratava de uma ossada. A cabeça do bode começava a entrar em decomposição, o que dava à carcaça um aspecto grotesco, inclusive com alguns insetos e larvas se alimentando da

carne já podre. Ainda era possível ver pelos e sangue ressecado que saía pela boca. Os olhos do animal estavam abertos e cobertos por larvas. Brenda deu alguns passos para trás, respirou fundo e continuou a caminhada.

Logo depois ela parou. Cerca de quinhentos metros na frente, estava a casa. Pela escuridão no local, ficou perceptível que não existia luz elétrica. Uma constatação que Brenda já deveria ter pela ausência de postes na estrada. Ou seja, de nada adiantaria o carregador do celular caso alguém abrisse a porta para ela.

Brenda se aproximou da casa. Naquele momento ficou com medo. Ela olhou com atenção e percebeu que existia uma fraca luz que podia ser vista pelas frestas da janela da frente e da porta. Poderia ser um lampião, candeeiro ou mesmo uma vela. Brenda se aproximou, desligou a lanterna do telefone e teve cuidado onde pisava para não fazer nenhum barulho.

A jovem começou a perceber um discreto som como um ranger contínuo. Decidiu tentar ver por entre as frestas da janela. Ela estava com medo, mas já tinha andado até ali, parecia o mais correto bater na porta. As outras opções apontavam por voltar para o carro ou continuar andando noite adentro.

Temerosa, Brenda se aproximou da porta sem fazer barulho e olhou por entre as frestas. Percebeu que se tratava de uma velha cadeira de balanço que rangia. Não conseguiu ver o rosto de quem estava nela, mas, pelas mãos bastante gastas pelo tempo, identificou que se tratava de uma mulher de idade avançada.

A jovem estava imóvel para não denunciar a sua presença, mas tudo pareceu inútil quando a moradora da casa parou de forma brusca de se balançar na cadeira. Brenda sentiu um frio na espinha. Pensou em correr, mas voltou a olhar por entre as brechas e notou que a cadeira continuava parada com a senhora sentada e imóvel. Ela tomou coragem e bateu na porta.

— Olá, boa noite. Tem alguém em casa? — perguntou Brenda com a voz um pouco fraca.

Ela não obteve resposta.

— Meu carro quebrou. E preciso pedir ajuda.

A jovem parou esperando alguma ação ou resposta. Silêncio.

— Desculpe incomodar, mas a senhora sabe onde posso pedir ajuda? Meu telefone não pega.

Brenda foi interrompida por uma voz rouca, porém firme que vinha de dentro da casa.

— Eu não tenho telefone.

Aquela senhora, por mais desconhecida que fosse, era melhor do que ninguém. Brenda insistiu em explicar a situação, mas foi de novo interrompida.

— Eu moro sozinha. Vá embora — respondeu a dona da casa mais uma vez de forma seca.

Brenda não sabia o que fazer, mas não queria voltar para o carro.

— Senhora, meu nome é Brenda. Eu sou advogada. Eu estou sozinha. Eu não vou fazer nada de mal contra a senhora. Eu estou assustada, por favor.

A cadeira fez um último rangido e na sequência Brenda ouviu passos. Lentos e como se feitos por sandália de couro em chão de cimento. A jovem deu alguns passos para trás enquanto escutava o que parecia ser uma trava sendo retirada até que a porta se abriu. Era difícil dizer quantos anos aquela senhora tinha, visto que a lida do sertão costuma maltratar seus moradores. Era certo que a mulher tinha o rosto engelhado, usava um pano azul escuro na cabeça e um vestido em tom mais claro. Seu olhar era cansado, mas forte. Sua pele era morena queimada pelo sol. Ela levava uma vela que logo apagou deixando-a como em contraluz por causa do lampião que existia na sala.

A senhora não parecia feliz com a visita noturna, mas deixou-a entrar. A porta permaneceu aberta. A velha mandou Brenda se sentar no sofá.

— Muito obrigada. Como eu disse, meu carro quebrou. Foi perto de uma igreja. Meu telefone não funciona. Então decidi andar — Brenda começou a falar enquanto a senhora apenas a observava.

Mesmo com a luz apenas do lampião, era possível ver que além da cadeira de balanço e do sofá velho e muito desconfortável no

qual estava sentada, sobre uma mesa havia um jarro sem flores com alguns jornais velhos e o lampião que servia de fonte principal de luz.

Brenda também notou que uma das paredes tinha cerca de 12 ou 15 quadros de rostos de pessoas desenhados a mão. A jovem nunca tinha visto aquilo. Pareciam feitos por lápis no estilo de fotos 3x4, mas em tamanho A4. Já antigos, se pareciam no formato embora fossem de homens e mulheres diferentes. Eram um pouco mal feitos, mas daria para reconhecer quem seriam aqueles indivíduos já que alguns traços eram marcantes e fortes.

— A senhora mora sozinha? — perguntou Brenda em uma tentativa de interação.

A dona da casa demorou alguns segundos para responder.

— Você pode dormir no sofá. Mas não quero você bisbilhotando pela casa.

Brenda balançou de forma positiva a cabeça e agradeceu.

As duas ficaram mudas e se olhando. Brenda estava desconfortável com o silêncio. Sabia que era uma estranha, mas não esperava por uma recepção tão fria. Para quebrar o silêncio, a jovem perguntou se poderia ir ao banheiro.

— Fica lá fora. Venha comigo. — A velha pegou o lampião e foi para fora da casa. Brenda a acompanhou. Na lateral da casa, existia uma casinha. — Lá. — Apontou com seus dedos nodosos.

Brenda pegou o celular e ligou a lanterna. A senhora voltou para casa e deixou a visitante ir sozinha. No banheiro, ela se sentiu mal com o cheiro, mas achou melhor aproveitar a ida já que tinha tomado toda uma garrafa de água durante as últimas horas e, conhecendo seu próprio corpo, precisaria esvaziar a bexiga em algum momento da noite. Melhor ir logo, embora se soubesse que o banheiro fedia tanto, teria feito as suas necessidades no mato.

Ela agradeceu quando voltou. A senhora estava sentada na cadeira de balanço e se levantou, fechou a porta da sala com chave e uma barra de ferro e olhou para Brenda.

— É tarde. Eu vou dormir. Vá dormir também — falou a velha em um tom que mais parecia uma ordem.

Brenda concordou com a cabeça enquanto a dona saiu da sala deixando-a sozinha por alguns minutos. A jovem não sabia o que fazer naquele cômodo mal iluminado repleto de pinturas feias olhando para ela, além de uma anfitriã de simpatia zero. Antes que pudesse aprofundar o pensamento, percebeu que a velha voltava e trazia um travesseiro e um lençol. Brenda agradeceu.

— Durma no sofá. Não ande pela minha casa. Amanhã de manhã cedo passa uma caminhonete que vai pra Floresta. Você vai nela — falou a senhora, que até aquele momento Brenda não sabia como se chamava.

Ela concordou com a cabeça antes de ver a velha sair pela última vez da sala e entrar no primeiro cômodo à direita no corredor. Ela estava curiosa para explorar a casa, mas era melhor apenas esperar o dia amanhecer para sair daquela situação. Notou que pelos cantos da cortina, que fazia as vezes de porta do cômodo em que a mulher entrara, escapava uma claridade fraca.

Brenda tirou os sapatos, colocou o cobertor sobre o sofá e se deitou. Ela ficou alguns minutos olhando para o teto imaginando como seria morar naquela casa. O celular apontava que era 20h15. No entanto, mesmo sem sono, estava cansada física e emocionalmente. E apesar da sua anfitriã não ser a pessoa mais simpática e cordial do mundo, ao menos deu um lugar para ela dormir.

Ao olhar para o lado esquerdo se deparou com as pinturas e pôde observá-las melhor. Brenda se sentiu um pouco incomodada, como se os desenhos a estivessem observando. Ela se levantou e se aproximou dos quadros. Eram realmente macabros. Os traços eram grosseiros, embora cada desenho tivesse características específicas que ajudavam a tornar as obras únicas, fosse por meio do olhar, cabelo, boca ou alguma outra característica física. Um dos desenhos era de uma criança, outro, de uma mulher de olhos verdes. Todos tinham um aspecto triste.

Em uma parede lateral Brenda notou que existia um calendário com mais de dez anos. Talvez a senhora guardasse pela foto. Se tratava da praia de Boa Viagem, principal cartão postal da capital pernambucana. Ao voltar para o sofá, se deparou com uma imagem de Jesus Cristo em uma pequena mesa. A imagem devia ter uns 25

centímetros e era bastante velha. Percebeu também que as janelas estavam fechadas com barras de ferro semelhantes à da porta.

Brenda olhou por entre as frestas da janela para ver fora da casa. Tudo deserto e escuro. Decidiu seguir o conselho da anfitriã e ir dormir. Se precisasse de luz, viu uma vela com uma caixa de fósforos em cima da mesa e ainda tinha um pouco de bateria do celular. Ela foi até a mesa, apagou o lampião e, ao voltar para o sofá, percebeu que ainda havia luz no quarto da senhora.

Deitada, Brenda pensava sobre a dona daquela casa e qual seria a sua história. Ficou bastante curiosa, mas percebeu que a velha era muito reservada, isto para falar de forma educada. Uma característica diferente do sertanejo, que ao receber uma pessoa em casa, conhecida ou não, trata-o muito bem e oferece até a própria cama. Não que Brenda quisesse dormir na cama da senhora. A jovem imaginava se aquela mulher já fora casada, se seria viúva ou se tinha filhos. Além disso, imaginou a dificuldade de comprar comida e ter dinheiro para se manter naquela região. Ficou imersa em seus pensamentos curiosos até que dormiu.

Brenda acordou assustada com um forte barulho como se algo pesado tivesse caído no chão ou alguém tivesse dado um forte soco na porta. Confusa, pensou que poderia ter sido um sonho. Ela olhou um pouco desorientada para a escuridão na sala. Nada. A casa parecia uma tumba de tão silenciosa e fria. Brenda tateou para pegar o celular que estava no chão e ver que horas eram. Desejava que já estivesse perto de amanhecer. Ao pegar o aparelho, que agora estava com 10% de bateria, viu que mal tinha passado da meia-noite.

Que merda, pensou. Em um dia normal, ela ia para a cama mais de meia-noite e ainda demorava a dormir lendo um livro, trabalhando, vendo TV ou respondendo mensagens de e-mail ou de alguma rede social. Naquela situação ela não sabia nem como pegou no sono tão cedo.

Sem ligar a lanterna do celular, mas usando a luz da tela, virou o aparelho na direção oposta na esperança de iluminar um pouco a sala, mas logo se arrependeu ao ver os tristes rostos desenhados na parede. Ela desligou a tela do aparelho e permaneceu na escuridão.

Perdera o sono. Como queria uma cerveja! E estava com muita fome. Tinha comido pela última vez no fim da tarde, em um posto de gasolina no qual parou para abastecer. Não estava na reserva, mas achou que seria bom estar de tanque cheio por aquelas estradas. Se ao menos tivesse tido o mesmo cuidado com o pneu reserva...

Brenda sabia que não dormia em um hotel para sair do quarto e ir dar uma volta. Apesar desta possibilidade não existir, se levantou do sofá. Seu corpo estava cansado e se alongou por alguns segundos. Usava meias felpudas, o que era bom para andar sem fazer barulho. Novamente com a luz apenas da tela do celular, foi até a porta e olhou mais uma vez pela fresta para fora da casa e viu apenas a paisagem escura.

Desanimada e sem opção, decidiu voltar para o sofá. Ficou deitada olhando para o teto. Pensamentos distantes. Fez de tudo para tentar dormir, listas mentais, imaginar o que faria no dia seguinte, até teve vontade de se masturbar, algo que sempre a ajudou a relaxar e dormir muito bem, mas não se sentiu confortável com a ideia naquele sofá.

Algum tempo depois e sem perceber, o sono voltou aos poucos. Prestes a dormir, Brenda foi surpreendida com outro barulho forte e muito semelhante ao que a acordou. Agora tinha certeza de que se tratava de um som real e não de um sonho. Ela não fazia ideia do que poderia ser. Pelo menos olhou para o corredor e percebeu que não vinha nenhuma luz do quarto da velha. E aparentemente não havia mais ninguém naquela casa.

Olhou para o celular, 9% de bateria, e ainda não era nem uma da madrugada. O motivo do barulho permanecia um mistério. Seria algo fora da casa? Brenda se viu com muita sede e logo imaginou que encontraria um filtro de barro na cozinha. Ela se lembrou que a velha disse para não andar pela casa, mas a sede era maior. Não faria mal ir até a cozinha. Brenda pegou o celular e decidiu usar a luz da tela para se guiar. Sabia que a lanterna do aparelho iria parecer um holofote dentro de uma residência tão pequena e escura. Percebeu que a cozinha ficava ao fim do corredor.

Existia um único obstáculo até lá. O quarto da velha.

Para seguir pelo corredor, Brenda redobrou o cuidado em não fazer barulho e desligou a luz da tela do celular. Caminhou bem devagar, pisando como se estivesse em um chão de vidro. Ao passar pelo quarto da velha, olhou para a cortina. Silêncio. Brenda não ouviu a respiração nem o ronco da idosa.

Deu mais alguns passos ainda na escuridão tateando com a mão esquerda pela parede que ficava na direção oposta ao quarto da idosa. De repente, sentiu que o material da parede não era mais o mesmo e ali existia uma porta. Curiosa, ligou a luz da tela do celular. Havia uma chave na fechadura. Brenda não verificou se estava trancada, mas também não deu muita importância.

No exato momento em que observava a porta, Brenda escutou um barulho vindo daquele cômodo e segurou o grito. Era um ronco. A jovem deu alguns passos para trás curiosa sobre quem poderia estar ali. Só poderia ser a velha, pensou.

Brenda chegou na cozinha, encontrou logo o filtro, mas para achar um copo teve mais dificuldade. O espaço era pequeno. Havia uma mesa de madeira bastante velha com dois ou três tamboretos. O balcão possuía pratos e panelas. Não sabia dizer o que estava limpo ou sujo. Um cheiro estranho a incomodava. Não viu fogão. Poderia estar do lado de fora da casa, o que era muito comum em residências humildes do sertão. Brenda não achou nenhum copo. Curiosa, viu duas portas. Uma com uma barra de ferro, que talvez levasse para fora da casa e outra que devia ser a despensa ou algum outro cômodo.

Brenda olhou para a parede na qual a mesa estava encostada e viu uma prateleira. Ali existiam alguns objetos de cozinha e um copo. Ela o examinou com a luz da tela do celular, que tinha apenas 8% de bateria, mas não quis arriscar e optou por não usar aquele copo com aspecto de empoeirado.

Ela decidiu voltar para o sofá. Não iria morrer desidratada se não tomasse água naquela noite. De repente, seu coração gelou de medo, pois escutou o que parecia ser o movimento de arrastar de trilhos de cortina vindo do quarto no corredor. Imediatamente Brenda apagou a luz da tela do celular. Silêncio por alguns segundos que logo foi quebrado pelo som de passos que iam em direção à cozinha.

Na escuridão e sem opção, Brenda deu dois passos para trás e percebeu que estava tocando a porta que pensava ser da despensa. Com o som de alguém se aproximando cada vez mais perto, e sem ao menos ver o que tinha dentro, Brenda abriu a porta e mesmo com o forte mal cheiro que sentia, entrou de forma bastante cuidadosa para não bater em nada. Ela fechou a porta devagar. Assustada, colocou a mão na boca como se isso diminuísse o som da própria respiração.

Brenda parou de escutar o barulho dos passos. Não sabia se a pessoa havia parado ou se a porta fechada abafava o som. Chegou a colocar o ouvido contra a porta. Nada. O mal cheiro estava muito pior ali. Ela sentiu suas meias molhadas. Levantou um pé e percebeu que o chão estava encharcado. Ficou com nojo do líquido e do cheiro do lugar.

Permaneceu imóvel e esperou cerca de dois minutos. Como não escutava mais o barulho dos passos, se virou devagar para dentro do próprio cômodo. Naquele momento, ligou a lanterna do celular.

Ali não era a despensa.

Diante dela uma estante velha de madeira com imagens assustadoras. Na altura de seus olhos, um corpo de santo pintado de preto com uma cabeça de bode empalhada. Havia cabelo enrolado no macabro objeto que deveria ter 40 centímetros. Na prateleira de baixo, uma figura de barro um pouco menor, pintada de vermelho, com olhos pretos e com marcas de pequenas mãos, como que de crianças, na cor branca. No topo da estante, uma tríade de imagens do que pareciam ser anjos, mas os rostos eram vazios de expressões como se as estátuas fossem feitas de forma incompleta sem olhos, narizes ou bocas.

Brenda não conseguia compreender o que eram aquelas figuras e mal fixava o olhar para perceber maiores detalhes.

Ao olhar o chão, percebeu que o líquido que sentiu molhar as meias não era água, mas tinha um aspecto escuro. Havia ainda uma galinha morta dentro de uma gaiola pendurada no teto. Na parte debaixo da estante, pedaços de ossos de animais de diversos tamanhos. Tecidos uniam alguns dos ossos e até um crânio.

Brenda começou a passar mal. Aquele cheiro a sufocava e mesmo tapando o nariz, era como se o odor entrasse no seu corpo.

Ao lado da estante, na parede, existiam várias fotos coladas. De 3x4 até maiores, em preto e branco, coloridas e envelhecidas. No andar mais alto da estante, tubos de vidro com líquidos armazenavam o que pareciam órgãos ou pedaços de carne.

Na parte de baixo, bonecas velhas e com poucas roupas. Um livro com páginas soltas. Brenda quis vomitar, ficou ainda mais sem ar e começou também a tossir. Se sentiu tonta e fraca, como se a pressão estivesse rapidamente caindo. Estava suada e enjoada com o cheiro. Queria apenas pegar a bolsa e sair correndo para o mais longe possível daquela casa.

Ao abrir a porta e olhar para a cozinha, viu a velha em pé segurando uma vela. Estava sem o lenço na cabeça, o que fez com que seus cabelos brancos dessem a ela um tom quase sobrenatural. Brenda se trancou no quarto segurando fortemente a maçaneta.

Apavorada, ela logo começou a escutar fortes batidas na porta. Brenda gritou para que a velha a deixasse em paz.

Com a lanterna do celular, Brenda percebeu que existia uma pequena janela no alto, atrás da estante principal. A bateria estava com 5%. Do lado da cozinha, as batidas se intensificaram e a jovem podia esperar que a porta fosse derrubada a qualquer momento.

Rápida, colocou o telefone na boca e empurrou a estante para bloquear a porta. Diversos itens caíram no chão. Alguns vidros quebraram. O cheiro era cada vez mais insuportável. Ela suava muito e sentia que sua pressão estava caindo, mas definitivamente precisava focar para sair daquela situação. Não havia tempo para desmaiar, ela pensava. Brenda percebeu que um pedaço da porta foi quebrado com violência.

Quando alcançou a janela, descobriu que era bloqueada com pedaços de madeira e pregos. A jovem começou a arrancar os pedaços de madeira com as mãos. Neste momento ela percebeu que outro pedaço da porta ia abaixo.

Brenda usou a estante que bloqueava a entrada para projetar seu corpo para a pequena janela. Ao subir, derrubou o telefone. Desesperada, percebeu que a porta estava quase destruída. Com a luz proveniente da lanterna do aparelho derrubado viu a silhueta

de um homem careca praticamente já entrando naquele quarto. Brenda deu um forte grito e se atirou da janela caindo do outro lado já de fora da casa.

Imediatamente, Brenda se levantou e começou a correr. Estava machucada com a queda, mas não podia se dar ao luxo de verificar o estado dos seus pés. Conseguia correr e era isso o que mais importava. Não olhou para trás. Nunca. Não voltaria para pegar bolsa, sapato ou telefone. Apenas correu.

As forças e o fôlego faltaram, mas ela correu. Sentia os pés machucados e sangrando por correr na terra seca. Parou apenas quando ficou sem fôlego. E foi o tempo de recobrar um pouco a respiração e correr ainda mais. Para onde iria? Em um lampejo de esperança, colocou a mão no bolso da calça e que alívio sentiu ao perceber que estava com as chaves do carro.

Depois de cerca de 10 minutos entre corrida e caminhada apressada, Brenda chegou ao carro e, mesmo com o pneu murcho e rasgado, começou a dirigir. Dentro do veículo, apenas chorava e dirigia.

O dia amanheceu. Atenta, Brenda não tirava a vista da estrada ou dos arredores. Pelo marcador de quilometragem, rodou cerca de 20 quilômetros. Passou por algumas casas, mas não quis arriscar se deparar com algum outro morador semelhante à velha ou quem sabe até algum parente dela. A senhora não poderia ter ido atrás dela, mas não tinha tanta certeza quanto ao homem careca. De repente, Brenda viu um veículo se aproximar. Suspirou e desceu do carro fazendo sinal para parar. Seria a chance de sair daquela estrada.

oo

Após uma semana, Brenda voltava para o Recife. Dessa vez a irmã dela dirigia. Decidiu não contar para ninguém do ocorrido. Não sabia ao certo o motivo. Após o episódio se viu nos dias seguintes pensando não apenas no que seria aquele quarto, mas quem seria a velha.

Durante a semana que ficou se recuperando na casa da irmã, que era médica e residia em uma pequena cidade da região, soube que as pessoas que moravam naquela estrada eram esquecidas pelos

governos e poderes públicos. Os jovens tentavam uma vida melhor em cidades próximas e deixavam os mais velhos abandonados. Muitos destes rapazes e moças acabavam voltando humilhados e sem perspectiva de melhorar de vida. Permaneciam ali, esquecidos.

O pensamento de Brenda durante a semana com a irmã incluía acreditar que talvez se tivesse passado a noite no sofá e ido embora no dia seguinte, aquela experiência do quarto macabro nunca teria acontecido. Se ao menos tivesse seguido o conselho da velha em não sair da sala.

Tantas dúvidas e tantos receios.

Pensava se a velha poderia ser uma bruxa, uma curandeira ou uma louca. Com certeza a via como uma mulher que lutou a vida inteira para não permanecer invisível. Uma casa em ruínas em uma estrada esquecida por todos. Sem ajuda, sem o mínimo, sem esperança. Sobrevivendo um dia depois do outro. Ela pensou em quantas pessoas já nasciam derrotadas pelas circunstâncias da vida em um país onde pobres eram muitas vezes considerados e tratados como problemas por grande parte dos governantes e até da própria população.

Brenda não parava de pensar naquilo. Seus familiares acharam que ela estava estranha quando chegou de carona em um posto de gasolina e ligou pedindo ajuda. O carro foi rebocado, mas ela não quis voltar dirigindo. Inventou qualquer desculpa para o ocorrido assim como para ter perdido o telefone e a bolsa.

Ela poderia ter escolhido voltar por outra estrada, mas pediu para a irmã dirigir pelo mesmo caminho da ida. No percurso, passou pela igreja abandonada. Durante o dia era até bonita, com vitrais.

Logo depois ela avistou ao longe a casa. No alpendre, uma senhora sentada em uma cadeira de balanço. Brenda não virou o rosto para acompanhar, mas discretamente seu olhar tentou fitar a cena.

Brenda voltou para o Recife e retomou sua rotina. Mas, em algumas noites, quando o sono parecia demorar a chegar, ela dirigia seu pensamento àquela casa perdida no meio do nada. Mal sabia que um desenho seu passou a fazer companhia aos demais que ficavam na casa da velha.

FIM DO ARQUIVO DE DEGUSTAÇÃO

SIGA-NOS NO INSTAGRAM
@ESTRONHO